

Ouro Preto, 23. Set. 92

Querida Marília,

Você pediu que eu registrasse por escrito minha emoção ao vê-la e aqui vão estas palavras - não de entendida - das quais faça o uso que quiser, pois são suas.

Começo dizendo que Você não é bonita no palco; é a própria beleza. Saindo descalça de uma primavera sem tempo, de um vaso grego. Menina no jardim.

Vem reivindicar como eterna a meninice de todos nós.

Revolucionária: a infância é um Direito Humano como outros, pelos quais tanto se lutou.

E ter a graça da infância é um direito sagrado que deve permanecer no homem.

Você inclina a cabeça, olha para o chão inúmeras vezes durante a dança, quase tanto quanto olha para o alto.

A mulher haurir forças da terra, traz um filho para a terra, ensina-o a andar se curvando para o chão.

Mas na dança Você redime os gestos das que deram à luz e embalaram na condição de pobreza e humilhação.

Quando lançou as pétalas exorcizando o mal, vencendo a sombra, devolvendo a todos a graça juvenil, como não recordar os versos de Goethe, as pétalas de Margarida sobre Fausto?!

"Aqui o indizível

toma-nos de assalto.

O Eterno Feminino

leva-nos para o alto"

O que mudou nesse mundo enquanto Você dançava?

Uma ondulação fugaz, algo se iluminou.

Por um momento a dançarina transformou em graça o que era gravidade, peso.

Com gestos femininos, que expressaram benevolência e piedade pelos pequenos e miseráveis.

Eu me abaixei e colhi algumas pétalas pelas mulheres que não conhecem os movimentos de liberdade e de amor. Para que essas pétalas nunca, nunca, deixassem de cair sobre todas nós.

Eclée Bosi